

ALGUMAS NOTAS SOBRE A SECÇÃO BRASILEIRA NA IV BIENAL

[...]

Os dois quadros de Hermelindo Fiaminghi, interessantes do ponto de vista fisiológico, não podem entretanto ser considerados como composições, por constituírem mais fragmentos ou experimentos parciais, com possibilidades de ser utilizados compositivamente, o que porém não acontece.

[...]

Excerto publicado na revista *Vértice*, São Paulo, (1): 10, dez. 1957.

instituto de arte contemporânea

Fiaminghi é um caso raro de artista brasileiro que vive em regime de investigação permanente. Desde seu período concreto, sempre se recusou a seguir sua própria receita. Da estrutura-macro da pintura geométrica, construída com a dinâmica da cor que o diferenciava de seus colegas, passou à estrutura-micro da retícula. Enfrentou, então, a questão da luz, talvez a mais complexa e difícil da pintura moderna.

Exigiu-se a aprender o olhar-síntese de natureza e pintura, à frente da ciência. Se colocou o desafio maior de ir além dos impressionistas. Fiaminghi não buscou recriar a impressão da luz através da paisagem – mais que a luz, a luminosidade –, através das cores e estruturas da natureza.

Para dar este salto, Fiaminghi criou sua própria paleta, no olho e no gesto de pintar, inventou cores que são, simultaneamente, sólidas e transparentes. Realizou aquilo que Goethe, em sua teoria da cor, considerava impossível: transformar a opacidade da cor em luminosidade. Foi além da cor, chegou à “corluz”. Ela implodiu a sua geometria anterior. Produziu a síntese da paisagem/estrutura macro com o microcosmo da forma/fundo dos pigmentos naturais. Transcendeu a dialética cor/sombra. Viu, pela pintura, na tela, o que o próprio olho não vê: a paisagem no milionésimo de segundo que media a sensação e a percepção.

As cores de Fiaminghi interagem com a pincelada e com a arquitetura da composição, tensão múltipla de movimento das cores e das formas. E, como cada gesto é único, cada estrutura é também única. Nesta exposição, “Corluz1990”, Fiaminghi está, outra vez, no limite de sua radicalidade. A textura cromática lhe interessa, em todas suas escalas, no zoom in zoom out do olho que “lê” a tela. É difícil e desafiante. Não se deixa controlar pela “engenharia da composição”. Como Miró, comentado por João Cabral de Melo Neto. Fiaminghi busca a “surpresa essencial”, reaprende a cada tela. Seus quadros não repetem um modelo. “Eles parecem recomeçar a cada momento um novo caminho”, ainda João Cabral. São sempre informação original. Fiaminghi não aceita a segurança do fácil e do sabido, do previsível, para os que não sabem que arte ou é risco ou não é nada. Não é rotina. Recusa-se a imitar a si mesmo. Quer ver o imprevisível.

A VIAGEM DE Fiaminghi à sentranhas da luz, recriada em “Corluz 1990”, da Galeria Montessanti, é uma viagem de surpresas e segredos que ele desvenda a cada quadro. Sua radicalidade se expressa até quando o prazer de pintar é total, sabedoria de Mestre que aprendeu o olhar do olhar, um “ritual preciso e misterioso” como diz Décio Pignatari, na apresentação da mostra. Esta exposição não é um conjunto fácil e homogêneo como muitas outras dos que se repetem, quadro a quadro, ano a ano. Nela, a cor, o gesto, a estrutura se renovam em cada tela. Cada um a delas é uma micromacroscopia da alma física do visível. É nova e surpreendente, fascinante, como a permanente novidade das cores e das luzes da natureza, diferente a cada infinita fração de segundo. Lucidez total.

Publicado na dissertação de mestrado de Vitoria Daniela Bousso, *Fiaminghi ou a concreção sensorial*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1992, pp. 197-199.